

CARTA ABERTA AOS VEREADORES DE PORTO ALEGRE

APOIO AO PL 1.201/09 QUE PROÍBE O FUMO EM LUGARES FECHADOS

O cigarro não pode ser comparado a qualquer outro produto, porque nenhum outro é responsável pela morte de metade de seus consumidores regulares. Há consenso científico de que o cigarro causa doenças e morte aos próprios fumantes e às pessoas expostas à fumaça do tabaco – as evidências acumulam-se há mais de 20 anos.

Dentre as 8 doenças que mais matam no mundo, 6 são causadas pelo tabaco. O tabagismo é a principal causa de morte evitável no mundo, e o tabagismo passivo a terceira, segundo a OMS.

O tabagismo causa mais de 5 milhões de mortes por ano. No Brasil, pesquisadores do Instituto Nacional do Câncer - INCA e do Instituto de Estudos de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro revelam que pelo menos 7 pessoas não-fumantes morrem por ano, pela exposição à fumaça do tabaco. A Organização Internacional do Trabalho estima que pelo menos 200 mil trabalhadores morram por ano devido ao fumo passivo.

O fumo é a maior fonte de poluição em ambientes fechados e não há níveis seguros de exposição. A fumaça emitida no ambiente pela ponta do cigarro é cerca de quatro vezes mais tóxica que a fumaça aspirada pelo filtro pelo fumante.

A Convenção Quadro para o Controle do Tabaco, primeiro tratado internacional de saúde pública, já ratificado por mais de 170 países, inclusive o Brasil por meio do Decreto 5.658/2006, determina no artigo 8º que os estados signatários devem adotar medidas efetivas de proteção de todos contra a exposição ao fumo passivo, sendo a **proibição do fumo em áreas fechadas a única solução eficaz.**

No Brasil, 7 estados (SP, PR, RJ, PB, RR, RO e AM) e pelo menos 20 municípios já possuem leis próprias, proibindo o fumo em locais fechados, medida que beneficia a todos, fumantes e não fumantes, trabalhadores e clientes. E os resultados são excelentes, conforme diversas pesquisas revelam, com melhora na qualidade do ar, na saúde dos trabalhadores, e o apoio significativo da população, trabalhadores e de donos de bares, restaurantes e casas noturnas, sem afetar negativamente o faturamento do setor da hospitalidade.

A proibição do fumo em áreas fechadas, ainda, reduz a aceitação social do tabaco e, portanto, reduz a iniciação pelo jovem ao consumo. De acordo com pesquisa Datafolha/ACT, **28% dos jovens de Porto Alegre, entre 12 e 22 anos são fumantes.** Foram entrevistados 560 jovens de ambos os sexos, em dezembro de 2008, em seis capitais. Porto Alegre é a que tem maior percentual. Essa taxa é de 13% em São Paulo, de 12% no Rio de Janeiro, de 10% em Salvador e em Belo Horizonte e de 6% em Brasília.

Não por acaso, de acordo com as estimativas de incidência de câncer no Brasil (INCA/2008)¹, a **região sul é a que apresenta a maior incidência de câncer de pulmão**, com 4.920 casos novos entre os homens e 2.290 entre as mulheres. **Em Porto Alegre são estimados 380 casos novos da doença entre os homens e 230 entre as mulheres.**

A proibição do fumo em áreas fechadas não prejudica a fumicultura, já que 87% do fumo plantado no Brasil é exportado, e, saliente-se, sem qualquer taxaço.

Além disso, o que a realidade mostra é que a **fumicultura** não traz riqueza para os agricultores, nem para o país. Conforme pesquisa realizada pelo Deser², a grande maioria (cerca de 80 mil famílias) tem renda média inferior ao salário mínimo brasileiro, cerca de 60 mil famílias têm renda baixíssima, e a grande maioria é beneficiária do programa Bolsa Família.

O sistema de integração, que consiste na forma de contratação entre tabaqueiras e os agricultores, tão propagandeado pela indústria do tabaco, é na verdade um sistema de dominação. Com atrativos como garantia de venda do produto e assistência técnica, as indústrias mantêm sob controle rígido os ganhos dos fumicultores: definem antecipadamente os preços pagos, determinam a meta de volume de produção, a aquisição de insumos e impedem os agricultores de venderem para outros compradores por preços melhores. Pelo sistema integrado, o agricultor fica totalmente refém das empresas, gerando altos índices de endividamento.

O baixo Índice de Desenvolvimento Humano dos municípios produtores de tabaco comprova que a atividade não gera desenvolvimento local.

Pesquisa revela que 72% dos fumicultores não gostam de plantar fumo e só o fazem por falta de alternativa.

Cerca de 150 mil crianças de famílias trabalham na produção de fumo no Sul do Brasil, segundo levantamento do Ministério Público do trabalho e Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar.

Os fumicultores e seus familiares que trabalham no cultivo do fumo estão em permanente contato com agrotóxicos, sem receberem orientação de manuseio e armazenamento, e sujeitos às doenças provocadas pelo uso intenso de agrotóxicos nas lavouras. Pelo contato com a folha verde do tabaco podem desenvolver a doença da folha verde do tabaco, que gera tontura, tremeadeira, fraqueza, ânsias de vômito.

Assinam esta carta:

Aliança de Controle do Tabagismo
Nova Central Sindical
Associação Médica do Rio Grande do Sul

¹ <http://www.inca.gov.br/estimativa/2008/index.asp?link=tabelaestados.asp&UF=RS>

²² Fumicultura – fonte: Boletim Especial DESER (Departamento de Estudos Sócio-Econômicos Rurais) e Aliança de Controle do Tabagismo http://www.deser.org.br/pub_read.asp?id=145